A PROBLEMÁTICA DA IDENTIDADE EM *LORDE* DE JOÃO GILBERTO NOLL

THE PROBLEMATICS OF IDENTITY IN LORDE BY JOÃO GILBERTO NOLL

Rodrigo Augusto Kovalski[1]

RESUMO: Este artigo visa uma síntese de análise da problemática da identidade no romance *Lorde* de João Gilberto Noll, uma identidade que se encontra em crise, com descentramentos que levam o personagem a um repensar de sua realidade local. A fuga o leva aos entrelugares da linguagem, da sociedade, da cultura e da nacionalidade. O autor destaca seu personagem como um exemplar de uma sociedade não mais fixa, centrada, contínua, comprova que este sujeito está em constante transição, a tradição e seus conceitos não sendo mais estáveis dentro do imaginário criado pela sociedade. Este estudo analisa a presença deste sujeito "sem nome" que serve como exemplo paradigmático do que Stuart Hall (2005) e Anthony Giddens (2002) chamam de "crise de identidade do sujeito moderno". A divisão do artigo acontece em três subitens que lidam com as características de cada desdobramento dentro do livro *Lorde*, mostrando, também, a interdependência entre ambos. Primeiro é apresentado uma análise do romance, na sequência é analisado um desdobramento do seu enredo e, por fim, busca-se uma compreensão do processo identitário dentro da obra.
PALAVRAS-CHAVE: Identidade; *Lorde*; Descentramento.

ABSTRACT: This article aims at a synthesis of the analysis of the identity problem in the novel Lord of João Gilberto Noll, an identity that is in crisis, with decentrations that take the character to a rethink of its local reality. Escape leads him to the interweaving of language, society, culture and nationality. The author highlights his character as an example of a society no longer fixed, focused, continuous, proves that this subject is in constant transition, tradition and its concepts are no longer stable within the imagery created by society. This study examines the presence of this "unnamed" subject who serves as a paradigmatic example of what Stuart Hall (2005) and Anthony Giddens (2002) call the "identity crisis of the modern subject." The division of the article occurs in three sub-items that deal with the characteristics of each unfolding within the Lord book, also showing the interdependence between the two. First, an analysis of the novel is presented, followed by an unfolding of its plot and, finally, an understanding of the identity process within the work is sought.
KEYWORDS: Identity; *Lorde*; decentralization.

1 INTRODUÇÃO

João Gilberto Noll é um escritor de Porto Alegre, que não só desponta dentro da esfera nacional, mas como internacional. Autor de obras consideradas contemporâneas discute temáticas ambientadas dentro de um contexto pós-moderno, com personagens que tratam de problemáticas que circundam não só uma sociedade local, mas global.

Com estilo singular no ato da escrita, Noll possui uma extensa biografia de livros publicados, em diversas editoras, obras inclusive já adaptadas ao teatro e cinema. Seu primeiro livro, de contos, *O cego e a dançarina*, data de 1980, com contos de valorização nacional, porém sempre cunhadas ao eixo local – Porto Alegre. Depois deste, segue uma invejável

[1] Pós-Doutorado em Educação (USP), Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC), Mestrado em Teoria Literária (UNIANDRADE), Especialização em Literatura Brasileira e a Construção do Texto e Graduação em Letras (Licenciatura Português/Inglês). Professor do Departamento de Letras-Português da Universidade Estadual do Centro-Oeste, Campus Irati-PR. E-mail: rakovalski@unicentro.br

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 31, p. 120-137, jan./jun. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.31.120-137

trajetória com *A fúria do corpo* (1981), *Bandoleiros* (1985), *Rastros de verão* (1986), *Hotel Atlântico* (1989), *O quieto animal da esquina* (1991), *Harmada* (1993), *A céu aberto* (1996) entre outros.

Em julho de 2004, após viagem a Londres, como primeiro escritor brasileiro convidado pelo *King's College* para ocupar o cargo de *writer in residente*[2]*,* com esta experiência britânica e os elementos que o definem, João Gilberto Noll lança o romance *Lorde*, que em uma primeira visão parece mais uma autobiografia, do que propriamente um romance de literatura contemporânea brasileira.

Noll neste romance se utiliza de características próprias vivenciadas no exterior para criar tal história. Um romance que é quase todo ambientado em espaços pertencentes aos não-lugares, basta ler a primeira página, quando o narrador se vê em um aeroporto com a dúvida da viagem.

O narrador do romance de Noll é a caracterização do sujeito sem nome da pós-modernidade tratada por Stuart Hall (2006), como em uma sociedade que os sujeitos se desconhecem, embora habitem o mesmo espaço. Este escritor de meia idade que quer se desvencilhar de sua história em Porto Alegre e aceita o convite de um inglês para ir a Londres, ir sem saber ao certo sua missão em tal nacionalidade.

O romance possui certa fluidez ao seu leitor, já que quase parece um relato oral, segue uma ordem linear de fatos e acontecimentos, embora a questão temporal seja totalmente apagada do romance, que conta com inúmeros fluxos inconscientes do personagem dentro de sua mente ao longo da história. A dificuldade do leitor ao se deparar com a obra é em acompanhar uma crise de identidade do sujeito que a cada página busca uma nova versão sobre si mesmo, tentando se desvencilhar de uma história de vida, de uma nacionalidade, de tradições, de uma língua.

Em *Lorde*, todos os espaços são imprecisos, não previsíveis, embora conte com lugares localizáveis, todo seu contexto acontece em não-lugares. O narrador personagem permanece em uma eterna busca, do início ao fim do romance. Todos esses espaços são imprecisos, já que nem o personagem em terra estrangeira, e guiado por um inglês desconhecido, sabe sua trajetória. Ao longo de todos estes espaços percorridos, o escritor/personagem se depara com inúmeras pessoas que de uma forma ou outra afetam sua história dentro da outra nacionalidade, pessoas em sua maioria sem nome, como ele.

O interessante na obra, e o que irá constituir fator importante neste artigo será analisar

[2] Escritor Residente.

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 31, p. 120-137, jan./jun. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.31.120-137

parte da problemática que acontece em torno da identidade do personagem. Problemáticas que serão vislumbradas por meio de toda a narrativa do romance, mas que servirão de exemplo paradigmático para realçar como a literatura contemporânea é um espelho para a sociedade, ou seja, por meio dos Estudos Culturais e da Teoria Literária tentaremos analisar como a obra *Lorde* de João Gilberto Noll reflete toda uma questão social e cultural vigente, com acontecimentos que são demonstrados por meio da ficção, mas exemplificados na teoria da sociedade atual. Uma obra que discute temas presentes, como a tradição, a nacionalidade, a língua de um indivíduo, e como estes servem de estanque para uma identidade local se pontuar dentro de uma global. Com tais efeitos, a crise da identidade do personagem, ambientará os leitores do romance a uma contextualização da sociedade atual.

O romance *Lorde* é de significativa importância para o estudo da percepção da identidade do sujeito, de como esta identidade é imperante na formação contínua de visão acerca de si mesmo, para o exame intrínseco do elemento subjetivo do sujeito – a identidade. O estudo desta obra também quer acrescentar a crítica sobre a obra de João Gilberto Noll, por incluir a análise de um romance pouco explorado a nível acadêmico, mas de grande importância literária.

O objetivo primeiro desta análise será a problemática da identidade presente do personagem. Caracterizando posteriormente seus desdobramentos, como é uma identidade em crise, que efeitos a sociedade atual apresenta para que uma identidade entre em crise, como fatores de nacionalidade, língua, tradição e tradução cultural embora pareçam discursos não visíveis ao sujeito, serão eles os responsáveis por levar um suporte, uma estabilidade local a uma identidade.

A teoria deste artigo é embasada em teorias que advém dos Estudos Culturais e da Teoria Literária, assim serão utilizados autores como Stuart Hall (2005), Antony Giddens (2002) e Kathryn Woodward (2000) que trarão a visão dos estudos de identidade, formados nas premissas dos Estudos Culturais e hoje ambientados dentro da Teoria Literária circundante. Outros autores terão também grande importância dentro deste estudo, e ajudaram a trazer o suporte teórico merecido em seu determinado contexto de análise.

Passando para a divisão de análise do romance *Lorde,* teremos a explanação teórica da análise propriamente dita. Em um primeiro momento, havendo uma introdução com o resumo do romance, fator importante para o desenvolvimento da análise a ser feita posteriormente.

Assim, na problemática da identidade de *Lorde* de João Gilberto Noll, propõe-se uma detalhada leitura da percepção desta identidade no romance, com uma leitura crítica ao enredo – *O enredo de Lorde* – que será voltado para as características dentro de uma análise da Teoria

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 31, p. 120-137, jan./jun. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.31.120-137

Literária. Onde se procurará identificar fatores da obra, para a finalidade de uma compreensão teórica a respeito do romance.

Na última parte desta análise de *Lorde,* caberá - *Uma compreensão do processo identitário dentro de Lorde*, onde serão atribuídas teorias utilizadas pelo autor para análise, de maneira sintética, do romance. Item no qual serão discutidos fatores como nacionalidade, cultura, tradição, língua, objetos a serem identificados dentro do romance, ou melhor, por meio da identidade do personagem em sua trajetória ao longo da narrativa.

2 LORDE: UMA ANÁLISE

O presente trabalho toma como objeto de estudo a obra *Lorde* (2004) do escritor João Gilberto Noll, enfocando a questão da identidade, que não se restringirá apenas ao personagem central da história, mas sim aos desdobramentos do romance, que tangem aspectos como língua, nacionalidade, diáspora, tradição e tradução.

Num primeiro momento, pela ótica da Teoria Literária, são analisados alguns aspectos do enredo do romance, como: o sentido e a realidade da narração dentro do enredo, bem como o discurso narrado. Com base nestes aspectos do romance é que adentraremos para uma análise mais aprofundada de *Lorde* de João Gilberto Noll, para, assim, em um segundo momento, serem relevados aspectos presentes dentro da obra de como a identidade do personagem, que passa por uma crise, e esta o leva à formação de uma nova identidade dentro dos inúmeros processos vigentes, sejam eles sociais ou culturais. Deste modo notar-se-á como a nacionalidade e a diáspora são fenômenos que o romance irá circundar, bem como aspectos da tradição e de tradução que o personagem conota.

Como considerações finais da análise serão traçados aspectos de compreensão de como o romance *Lorde*, do autor João Gilberto Noll, se torna modelo paradigmático de análise de aspectos que dizem respeito tanto aos Estudos Culturais bem como à Teoria Literária.

Para iniciar esta análise, cabe apresentar um resumo do romance *Lorde* de João Gilberto Noll, publicado em 2004, como seu 13º livro, que narra a história de um escritor de cinquenta anos, com sete livros publicados e com uma grande vontade: de livrar-se da imagem de escritor e possuir uma nova identidade. Para começar a viver seu sonho, recebe um convite de um inglês, sobre o qual de nada sabe, para fazer algo, também não claro, na Inglaterra. Sabia apenas que dizia respeito a sua vida como escritor, mas não sabia se sua ida era para fins práticos, ou para palestrar sobre temáticas, ou ainda realizar leituras acadêmicas de seus livros em uma sala de aula inglesa. Após aceitar, ele desembarca na capital inglesa a convite do inglês, que o instala em um apartamento em Hackney, bairro habitado por imigrantes. Já instalado, começa a notar

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 31, p. 120-137, jan./jun. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.31.120-137

como agora é o outro dentro de um país totalmente desconhecido, anda por ruas e pontos históricos de onde nada sabe. Seus trajetos são passeios sem norte ou finalidade. Este processo de mudança por qual passa o personagem o leva a um processo de mutação, que transcende seu entendimento, pois o escritor que aqui é nosso personagem começa a passar por mudanças que realçam sua crise de identidade e começam a levá-lo a outras visões de sua própria identidade.

Esta crise de identidade do personagem é notada através de desdobramentos de sua história, através de aspectos de nacionalidade, quando sua tradição começa a entrar em crise com este novo eu, já traduzido pela nova cultura e pelo processo de diáspora. Quando o personagem busca uma nova identidade, seu retorno se dá pela língua, um dos pontos culturais que levam o sujeito a seu pertencimento a uma nação. Assim, em todo o romance, é apresentada a transfiguração de um escritor brasileiro que sai do Brasil em busca de um mundo novo. Deste modo, como início do entendimento desta mudança, já é notado que toda a narrativa é contada por um narrador sem nome, sem voz (já que o que relata é fruto de sua introspecção), às vezes com falhas de memória e sem convívio verbal com o povo inglês. Percorre inúmeros lugares, não come, não dorme, sente-se perdido, em total solidão e sem rumo. Olha-se como um peregrino perdido, embora tenha salário e pouso certo, não sabe seu próximo passo e nem por que realmente está ali.

Toda esta trajetória o leva, já no final do romance, a um novo entendimento de sua própria identidade, quando é convidado a lecionar a disciplina de língua portuguesa na Universidade de Liverpool, lugar em que encontra um relacionamento homossexual e que o leva a um pertencimento local, não mais ao local anterior, pois este já lhe foi totalmente transmutado, porém a uma nova identidade com um sentimento de recomeço de sua própria história.

Para começarmos a entender o romance, a seguir adentraremos em alguns aspectos do enredo da história, o qual nos trará uma estruturação dentro da obra, para que os processos que o realçam sejam assim notados e seu discurso seja compreendido.

2.1 O ENREDO DE *LORDE*

O enredo de uma história é sua própria estrutura, pois, se analisado o aspecto que a palavra enredo pode assumir, estando ligado a seu arranjo, esta pressupõe uma

> apresentação / representação de situações, de personagens nelas envolvidos e as sucessivas transformações que vão ocorrendo entre elas, cria-se novas situações, até se chegar ao final – o desfecho do enredo. Podemos dizer que, essencialmente, o enredo contém uma história. É o corpo de uma narrativa. (MESQUITA, 1994, p. 07)

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 31, p. 120-137, jan./jun. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.31.120-137

O enredo é a formação simbólica da ficção, pois, quando um autor escreve seu texto, está passando uma série de ações que podem ter sido reais ou não para o compreendimento geral da obra.

A composição estética da obra é fruto de uma "série de diversidade de sentidos condicionantes, sejam eles pessoais ou sociais" (MESQUITA, 1994, p. 13) que vão sendo formados ao longo da narrativa. E esta composição estética que é ligada ao enredo da obra está diretamente ligada à realidade que certa obra apresenta, por mais ficcional que ela seja, como é o caso da obra *Lorde*, um romance ficcional que conta a história de um escritor brasileiro em terras estrangeiras. Em uma entrevista de Noll a Kátia Borges, publicada no site Secrel[3], na página *No compasso da linguagem*, o escritor avalia a obra *Lorde* por sua ótica. O romance surgiu da experiência de João Gilberto Noll como escritor residente do *Kings College* em Londres, e faz-se importante lembrar que a "ficção, por mais 'inventada' que seja a estória, terá sempre, e necessariamente, uma vinculação com o real empírico, vivido, o real da história." (MESQUITA, 1994, p. 14). Assim, nota-se como a história ficcional do escritor brasileiro de *Lorde* se confronta diretamente com a história real de João Gilberto Noll.

Deste modo, não queremos expressar que o romance *Lorde* é quase uma biografia de parte da história vivida por João Gilberto Noll, mas nosso objetivo é buscar fatos para o entendimento da obra, principalmente quando estudamos seu enredo e, assim, é verossímil o fato de estas duas histórias, uma real e uma ficcional, se entrecruzarem em alguns aspectos.

O enredo do romance é ordenado dentro da ficção, pois se trata de uma obra literária, porém todos os locais por quais passa o personagem, na Inglaterra, são reais, existentes. Os fatos da história acontecem em situações narrativas dentro de uma ordem linear, o que se aproxima muito de uma ordem oral, inclusive em muitos aspectos são demonstradas estas características, ao longo de toda a trajetória da narrativa. Esta ordem linear do autor propõe uma visão diacrônica, realçando não as relações entre os termos existentes dentro do estado da comunicação, mas entre termos sucessivos que vão se substituindo ao longo do tempo do romance.

Embora seja uma obra classificada devido a sua forma, como um romance, esta estória não traz sentimentos de amor ou fraternidade a seus leitores. Ela transita como uma literatura de viagem, na qual o personagem narra os fatos acontecidos ao longo da mesma, também trás

[3] http://www.secrel.com.br/jpoesia/katb3.html. Acessado em: 16 de junho de 2008.

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 31, p. 120-137, jan./jun. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.31.120-137

angústias existenciais vividas pelo personagem, em sua crise identitária e apresenta fatores que nos levam a pensar sobre os problemas sociais.

O romance ainda expõe características psicológicas, pois o personagem, através de inúmeros diálogos internos, conversa também com seus leitores, como se eles fossem o ajudar. Esses fluxos de consciência do personagem são comuns ao longo de todo o romance, já que, como ele não interage (dialoga) com ninguém da outra nacionalidade (inglesa), conversa muito com seu eu interior.

O romance *Lorde* respeita a ordem cronológica em sua trajetória, pois lhe oferece aspectos que circundam o leitor, dentro de uma ordem de início, meio e fim. É claro que estes não são tão simples ou claros assim, mas é respeitada a ordem linear, diacrônica da obra, pois, em nenhum momento aparecem subsídios para que se possa provar o contrário, embora o texto não lhe ofereça demarcações de data ou tempo claro. Mas essa cronologia é seguida através de todos os fatos apresentados pelo personagem, dentro de uma sucessão de acontecimentos que formam o enredo do romance.

Todo o enredo de *Lorde* acontece em meios urbanos nos quais o personagem vive, meios urbanos reais, com referências, lugares, espaços verdadeiros, o que ao leitor dá a impressão de estar em Londres, no bairro de Hackney, vendo o Palácio de *Buckingham* ou o *St. James's Park*, ou nas ruas O*ld Street, Hackney Road* e no *Victoria Park*, *Piccadilly Circus*, *National Gallery,* Museu Britânico, Praça de *Bloomsbury*, ou seja, o leitor percorre com o personagem estes lugares e isso dá certa veracidade à história.

Porém, como notado em todo o romance, o personagem, mais do que os lugares, habita os não-lugares, que Marc Augé (1994, p.91) denomina como "lugares de denominação comum a todos e a ninguém, lugares de passagem, não habitados, somente vividos em curta duração de tempo precedente". Estes não-lugares são notados ao longo da trajetória do personagem em todo o romance. Noll, firmando sua narrativa nestes não-lugares, realça a característica que hoje é bem presente na modernidade contemporânea. É o caso da vivência dos sujeitos em aeroportos, hotéis, ônibus, trens, locais estes que são apresentados na narrativa e em todo o enredo como exemplos de não-lugares da modernidade contemporânea, muito utilizados devido à compressão de espaço e tempo que Hall (2005) comenta, lugares de passagem de todos e pertencentes a ninguém.

Outro fator do enredo e que deve ser considerado nesta análise é a questão presente da linguagem. Linguagem esta resultante, em toda obra, da grande oralidade na escrita, característica marcante da obra de Noll. A linguagem do personagem sempre busca algo novo, porém, não significa uma linguagem que leva este romance a uma base experimental, mas que

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 31, p. 120-137, jan./jun. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.31.120-137

o coloca em um patamar de ruptura em relação a literaturas anteriores, consideradas vanguardas ou clássicas, pois a viagem do personagem que deveria ter um retorno ao ponto de saída não obtém este desfecho através de uma transfiguração diferente. Este diferente, este não retorno do "anti-herói" em seu ponto inicial, é que caracteriza como uma literatura contemporânea, como obras de ruptura que vão contra um processo literário dito padrão dentro dos aspectos da Teoria Literária.

Estes novos aspectos da literatura contemporânea, como é o caso de *Lorde*, apresentam hoje grande importância dentro dos meios acadêmicos de análise, se tornam objetos de estudos para inúmeros autores e o escritor francês Jean Ricardou sintetiza essa concepção através do seguinte pensamento: "o romance tradicional é a escritura de uma aventura; o romance moderno é a aventura de uma escritura". (RICARDOU *apud* MESQUITA, 1994, p. 19)

Como Ricardou expressa, as obras modernas possuem como característica a aventura dentro desta escrita, e Noll valoriza seu personagem principal dentro do romance, pois os personagens secundários da história são pouco valorizados no sentido de obterem voz dentro da narrativa, como é o caso do inglês que o chama à Inglaterra, o professor que o convida para visitar sua casa, o marinheiro, o amante homossexual que aparece no fim do romance, entre outros que simplesmente passam pelo romance, porém não ganham um papel de primeiro plano dentro da história, como o personagem principal.

Por citar personagens sem nome, destacamos outra característica do romance e do autor. Noll em nenhum momento cita o nome deste personagem principal no romance, como também de nenhum outro personagem. São personagens sem nome dentro da narrativa, são tratados como referência: "o inglês" (p. 09)[4], "o professor que me convidou" (p. 49), "o cara do rastafári que foi atropelado" (p. 66), e assim por diante. O único personagem de segundo plano que é denominado pelo nome é George, o marinheiro, sujeito com o qual o personagem principal se relaciona no final do romance.

A razão para este personagem de segundo plano ser denominado pelo nome (George), é que neste contexto do romance, o personagem/autor (protagonista) começa a resolver sua crise de identidade. Assim o último personagem que Noll nos apresenta, é George, justamente por estar criando uma consciência para sua crise, o personagem escritor de *Lorde*, denomina-o como um ponto já de sustentação para sua nova identidade transformada.

George é para o leitor, um ponto de referência, já que é o único personagem em todo o romance a ganhar uma denominação comum, lembrando que o personagem principal buscava

[4] As referências que constarem apenas o número da página, todas exclusivamente foram retiradas do livro: NOLL, João Gilberto. ***Lorde***. São Paulo: Francis, 2004.

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 31, p. 120-137, jan./jun. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.31.120-137

se distanciar de esferas comuns que lhe trouxessem a lembrança da identidade brasileira anterior. Porém, como sua crise identitária começa a se desmembrar por aspectos linguísticos, com George, esta resolução acontece pela esfera pessoal, a qual leva o personagem a buscar uma denotação comum diante de todos com um relacionamento afetivo estável. Como notado em todo o romance, o que o personagem buscava era uma estabilidade em plena instabilidade dentro de sua identidade. Assim, com George, o personagem alcança um patamar com sua identidade até então não visto ao longo do romance, quando o mesmo ao término fala: "George, repeti sem saber se chamava por alguém desorientado no ato de me traduzir com seu próprio corpo. Embora ele já tivesse me transferido uma sólida autonomia física. Eu a tinha. E nela não podia me sentir encarnado" (NOLL, 2004, p. 110). Com este trecho é nítido como o personagem denota sobre George uma certa estabilidade de sua identidade a qual lhe faltava. George é um dos fatores responsáveis pela tradução a outra cultura, o dava uma autonomia, que, por exemplo, o inglês a controlava, a media, assim com esta autonomia não podia mais se sentir encarcerado dentro de suas memórias antigas.

O que Noll, na escrita do romance, realça intrinsecamente, com seus personagens sem nome, é o que Giddens (2002) considera como realidade da "alta modernidade", quando sociedades se apresentam de tal forma expressas ao fenômeno da globalização que as características locais começam a ser desconfiguradas. Assim em *Lorde* é demonstrado o aspecto social da obra, quando o autor de algum modo representa a realidade por meio de suas histórias. Como exemplo, citem-se, as sociedades de gerações passadas, dos pequenos centros urbanos ou rurais, onde as pessoas sabiam o nome das outras, visitavam seus vizinhos, possuíam outro espaço de pertencer a certo grupo social. Fatores como estes, hoje, nas sociedades contemporâneas, começam a perder lugar, pois em muitos casos uma pessoa pode morar vários anos ao lado de outra e desconhecer seu nome, sua identidade pessoal, tudo isso pode ser resultado de uma sociedade mais rápida, na qual o tempo isola seus sujeitos em pequenas ilhas de pertencimento social.

Outra abordagem ao enredo pode ser por meio da sucessão de fatos dentro do romance, "a sucessão de fatos narrados pode também ser articulada pelo princípio da associação de ideias ou de palavras" (MESQUITA, 1994, p. 27). Esta sucessão de fatos, por meio de ideias ou de palavras, é que nos possibilita uma desmontagem do texto em partes que podem ser analisadas separadamente dentro de determinado contexto.

Se fossemos buscar um núcleo de suporte para referenciar o romance *Lorde,* poderíamos eleger a transitoriedade do personagem/escritor em torno de sua crise identitária, e através deste núcleo é que se desmembra toda a sua trajetória dentro do romance, por meio de inúmeros

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 31, p. 120-137, jan./jun. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.31.120-137

núcleos conflitivos, geradores de inúmeras outras ações dos personagens envolvidos, que servem de suporte para o personagem principal completar sua transição de busca de uma nova identidade.

Segundo Mesquita,

> a procura do auto-conhecimento, na busca de sua identidade, nos leva a verdade do outro, a comunicação intersubjetiva e ao conhecimento das regras do jogo do mundo, tece-se por meio da teia do enredo, um ou vários ciclos da vida do protagonista. É o chamado romance de aprendizagem. (1994, p. 28-29)

Como Mesquita explica a busca da identidade por qual passa o personagem de *Lorde*, com inúmeras realizações através do Outro e jogos que cada realidade impõe, é uma teia que o enredo do romance vai criando para que possa ser chamado de um romance de aprendizagem, pois será por meio destes processos que se encontram intrínsecos que o personagem terá uma apreensão de sua auto-identidade e da formação por meio de uma aprendizagem que todo o processo lhe trouxe.

Um dos fatores que coloca a presente obra dentro de um outro contexto e o caracteriza como uma literatura de ruptura é a questão da presença do humor e da ironia, presença esta que se faz presente em todo o livro quando Noll utiliza este recurso para atingir seu leitor de outra forma, diferente da padrão. Como exemplo, Noll caracteriza seu personagem em transformação, devido à crise identitária, o personagem se maquia, pinta o cabelo, se transforma, na esperança de ser outro, gostaria de ser o rapaz da fotografia na parede do salão, ficando assim uma metamorfose de algo pretendido, ou quando se utiliza de inúmeros nomes para o sujeito inglês que o chamou para a Inglaterra.

São todos momentos que o autor utiliza para enfatizar os mesmos personagens, mas de formas diversas aos seus leitores. Termos estes da linguagem, presentes na formação do enredo, que Mesquita apresenta como

> a presença do humor, da paródia, da ironia, marcas da literatura moderna, que revitalizam valores, zombam dos homens, de seus absurdos e contradições, virando o mundo pelo avesso, dessacralizando e desmitificando tudo, inclusive a própria literatura.
> Dentro desse processo, a própria noção de enredo, de núcleo dramático, sofre grande deslocamento, perdendo a unidade e o centramento que lhe dava a narrativa do século XIX e XX. (1994, p. 31)

E esta presença do humor que em alguns contextos do romance avessam uma estrutura narrativa, são aspectos que Umberto Eco denomina como "duas maneiras de percorrer um bosque. A primeira é experimentar um ou vários caminhos; a segunda é andar para ver como é

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 31, p. 120-137, jan./jun. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.31.120-137

o bosque e descobrir por que algumas trilhas são acessíveis e outras não" (ECO, 2009, p. 33). E assim, Noll leva seu leitor a percorrer os caminhos do seu romance, a primeira experimentando vários caminhos com o personagem em meio a sua crise de identidade, e a segunda descobrindo os caminhos que vão se abrindo ao longo do romance, por trilhas que o personagem passa, delimitando espaços que ora lhe são acessíveis, ora o impõe caminhos, mesmo que incertos.

Deste modo, com alguns pontos analisados, é notado como o enredo de *Lorde* possui um fator estruturante dentro da narrativa e como essa é apresentada por Noll com o intuito de levar seu leitor a uma identidade junto com seu personagem. Assim, através do enredo, buscam-se respostas para entender o romance dentro de considerações gerais e perguntas como: qual é a realidade presente na obra? Quando citado que em certos aspectos a obra ficcional de *Lorde* entra em tramite com a história real do autor, como a linguagem no presente romance é um fator formador da identidade e como o processo de narração se perfaz em uma estrutura bem maior do que o entender literal da obra?

O sentido do romance leva o leitor a uma esfera maior da realidade de uma identidade em crise ou em trâmite. Tentamos procurar um núcleo para a esfera ficcional da obra, para que tal fosse assim compreendida e como sua divisão acontece para que seja analisada.

Assim, continuaremos a estudar o enredo do romance, só que a partir de agora sobre outro aspecto e esfera, a identidade. Buscando analisar como o romance *Lorde* é um exemplo paradigmático da literatura contemporânea para que possamos compreender os desdobramentos de um processo de formação de identidade, de como uma identidade precisa ser intercalada dentro de aspectos de diferença ao outro para que possua uma representação significativa a um processo identitário. Assim, alguns aspectos da identidade nestas exposições podem sofrer crises, que a levam a uma transformação para chegar a uma auto-compreensão. Deste modo, o próximo subitem irá revelar tais processos e aprofundar outros dentro do romance *Lorde*.

2.2 UMA COMPREENSÃO DO PROCESSO IDENTITÁRIO DENTRO DE *LORDE*

Os Estudos Culturais, que, nesta pesquisa, obtiveram um lugar de destaque, revelam um grande papel na sociedade contemporânea: discutir aspectos sociais, políticos ou culturais que afetam diretamente ou não seus sujeitos e suas camadas. E é dentro dos Estudos Culturais que os fatores de formação de identidade são assim compreendidos como um processo que diz respeito a todos e que forma intrinsecamente não só indivíduos, mas sociedades e culturas.

O processo identitário dentro do romance *Lorde* é iniciado com a viagem do personagem, quando, na porta da alfândega, com pesadas malas, no aeroporto de Heathrow, em

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 31, p. 120-137, jan./jun. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.31.120-137

Londres, se vê com uma espécie de missão, que foi mandada por um inglês, se "retorcendo em dúvidas com relação às intenções dele" (p. 10). Assim, como modo de fuga a este pertencimento a uma cultura local, abandona seu passado, "sem ter nada o que deixar que carecesse da sua presença" (p. 10). E a única referência passada no livro para o entendimento desta viagem é que ele

> o conhecia pessoalmente de apenas uma vez no Rio, quando pediu que por favor mandasse meus livros para seu endereço em Londres, porque não os encontrava nas livrarias por onde tinha andado à tarde e no dia seguinte retornaria para a Inglaterra. Que precisava conhecer no meu trabalho aquilo que chamavam de algo que não entendi e que lhe vinha interessado muito nos últimos anos, ah, e sobre o qual vinha escrevendo um livro. Se não me engano esse livro falava de alienígenas. Era isso? (NOLL, 2004, p. 11)

Com a viagem é instaurada a crise do sujeito, entendida como uma "alteração sobrevinda no curso de algo, conjuntura perigosa, momento decisivo, ataque de nervos, situação cuja conservação enfrenta obstáculos difíceis." (GIDDENS, 2002, p. 207). E é nesta situação, neste momento difícil por que passa o personagem, que a crise é instaurada, servindo como um estopim para que novas percepções sejam criadas pelo personagem para a busca de uma nova identidade própria.

E esta crise identitária do sujeito é completamente afetada, por fatores como: saída da terra natal, o desbravar de uma nova terra, a aventura de uma viagem, a existência ou não de fatores tidos como certos, pressupostos esperados. Os fatores notoriamente afetados são posições tidas como estáveis do sujeito, como sua nacionalidade, a tradição do local, sua cultura, língua e sociedade. Crise pode ser mais bem compreendida pelo conceito de Giddens que agrega a identidade a fatores de formação que são externos aos sujeitos. Como o eu não é uma entidade passiva, pode ser determinado por influências externas. Independentes de seus contextos de ação, estes diretamente contribuíram para influências sociais que se tornam, como afirma Giddens, globais em suas consequências.

Assim, as implicações que decorrem de uma ação do sujeito serão consequências sentidas não apenas no contexto local, mas sim global. Como o personagem de *Lorde* que através de uma viagem, sua cultura local será passada a uma nova cultura, ou, como Woodward destaca, sua identidade partirá da premissa relacional para que haja uma compreensão do seu eu agora. O personagem de Noll trabalha de modo inconsciente, sua identidade, com simbologias que ajudam de modo relacional a chegar a uma nova transformação de sua identidade. Esta nova compreensão de sua identidade pode ser associada aos contextos da

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 31, p. 120-137, jan./jun. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.31.120-137

literatura de viagem, já que em sua conceituação, a literatura de viagem[5] trabalha o psicológico do sujeito que sai em viagem, com mudanças que o fazem notar a realidade presente com outros olhos, a partir das experiências passadas. E o mesmo preceito acontece com o personagem de Lorde que após sair do Brasil, inicia um processo de tradução a outra cultura, onde a diáspora o afeta e com tais experiências vividas em nova cultura, modificam e alteram sua identidade passada, e o levam a uma produção de uma nova concepção a partir da mudança. A viagem caracterizando mudanças em sua identidade.

Estas transformações acontecem sem o perceber humano e, no caso da pesquisa, do personagem, são explicadas por Hall, quando as identidades estão sempre em transformação, estando sempre sendo formadas, em um processo contínuo. Assim, o personagem escritor de meia idade se torna exemplo deste processo de formação, pois é um indivíduo em transição, em mudança, viagem que o leva a inúmeros caminhos dentro de uma formação de identidade.

No início do romance já há uma passagem do personagem, que deixa claro o abandono de um eu em busca de uma nova identidade:

> este que eu começaria a desconhecer. Deste lado eu, que tinha vivido aqueles anos, vamos dizer, nu no Brasil, sem amigos, vivendo aqui e ali dos meus livros, no menor intervalo a escrever mais, passando maus pedaços e todo cheio de pirueta para disfarçar minha precariedade material não sei exatamente para quem, pois quase não via ninguém em Porto Alegre. Sim, disfarçara nas entrevistas ao lançar meu derradeiro livro, sim, vou passar uma temporada em Londres, representarei o Brasil, darei o melhor de mim. (NOLL, 2004, p. 11)

E as crises de identidade acontecem a cada parágrafo, a cada página do livro, com contradições: "como viveria no Brasil dali a três, quatro meses, se todas as tentativas de viver fora dos meus livros fracassavam? Sim, eu vivia numa entressafra literária perigosa." (p. 17) Ou seja, o eu lutando contra o próprio eu por um não acordo de sua identidade. E na mesma página encontramos outro trecho "preferi mesmo estar em casa em Porto Alegre, não ter de continuar o caminho." (p. 17). O que é este sentimento de pertencimento, ou melhor, de despertencimento pelo qual está passando o personagem, de não pertencer nem a um nem a outro lugar, não possuir um lugar seguro, uma raiz, uma pátria.

Dentro do prédio da *National Gallery*, em Londres, o personagem utiliza o banheiro para sua transformação e para o esquecimento de um passado que o incomoda

[5] Literatura de viagem "é a escrita de viagem de valor literário. A literatura de viagem geralmente é uma memória das experiências de um autor visitando um local pelo prazer de viagem. A literatura de viagem exibe geralmente uma gerência narrativa ou estética, para lá do simples elencar de datas e eventos de um diário de viagem ou diário de bordo. Esta literatura maioritariamente baseada em relatos de viagens reais, pode também ser uma ficção (SEIXO, 1998, p. 12).

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 31, p. 120-137, jan./jun. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.31.120-137

> eu era um abnegado, faria tudo para que isso que chamam de mundo continuasse a me abrigar com algum conforto, mesmo que muito pouco, quase nenhum. O Brasil era um afresco na abóbada da mente, mas não doía nada, eu quase não tinha mais vista suficiente para enxergá-lo" (NOLL, 2004, p. 27).

E sobre sua transformação o personagem diz que: "ninguém mais me reconheceria, já que tinha feito uma reforma em cima de alguém que eu mesmo começava seriamente a estranhar" (p. 27).

A crise de identidade passada pelo personagem, em certos momentos do romance, é compreendida como uma transformação, pois, na história, compra tinta de cabelo e maquiagem, na esperança de que estas transformações físicas o façam mudar. E depois da máscara com a maquiagem, agora chega à hora da cabeleleira da Malásia, neste salão não corta seu cabelo, mas pinta de uma cor igual ao do rapaz da fotografia da parede. É a ideia de aparência e não essência que a globalização instaura em todo o mundo, eu não preciso saber quem é, ou como é, mas sou seguidor. Como demonstra o personagem, "tinha vindo para Londres para ser vários – isso que eu precisava entender de vez. Um só não me bastava agora – como aquele que eu era no Brasil..." (p. 28).

E com a mudança novamente vem a pergunta: "por que eu desconfiava seriamente de que eu já não trazia o mesmo homem." (p. 31). Assim, nota-se que o próprio personagem já sentia um novo eu o acometendo. E a ideia do novo eu não prescinde do velho eu, mas dos fenômenos vigentes que o personagem está vivendo e que o estão levando ao conflito interior, que são realçados por processos externos e intrínsecos como sua tradução a uma cultura, nova sociedade, novos parâmetros de análise, quando sua tradição aos poucos é sucumbida por novas esferas de pertencer. Esta crise, resultado de fenômenos culturais-sociais-linguísticos, levam o personagem a uma introspecção, que na verdade é característica de uma nova formação ou recombinação mental de sua percepção ao mundo, como encontrado em várias circunstâncias do romance.

No romance, depois da entrega do personagem ao local, sua memória não deixou que se esquecesse do Brasil. A memória constitui um fator de identificação humana neste processo de formação de identidades. Sendo na memória que se reconhece, se distingue ou se aproxima. Assim, neste processo de reconhecimento, a lembrança é parte integrante da constituição e construção do eu - da identidade.

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 31, p. 120-137, jan./jun. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.31.120-137

O interessante é que o personagem a princípio reluta sair do Brasil e diz não desejar ficar naquela terra estranha. Depois, em território inglês, diz não se lembrar mais da terra natal, apenas de algumas coisas. Este ato de tradução lhe transforma também.

Giddens (2002) aponta justamente para este sujeito sem nome, sem rosto na sociedade, pois devido à tamanha compressão de espaço e tempo que a sociedade está vivendo, os indivíduos passam não mais a ser considerados como unidos perante a nação, mas são concebidos todos como massa social ou ainda divididos nas respectivas camadas sociais que habitam, devido ao fator capitalista.

Porém, a guerra da tradição com a tradução impera ao longo de todo o texto, como a seguir, quando, para sua distração entra em uma taverna, para beber, onde falou que: "tinha esquecido de verificar em algum espelho a minha aparência, se eu continuava aquele mesmo que já mudara tanto, se já era outro, ou se enfim o hospital me reconstituíra as antigas feições que eu deixara no Brasil" (NOLL, 2004, p. 38).

Com o despertencimento do sujeito a uma nação, a crise normalmente aflora, e um fator preponderante, dentro desta crise, é a língua, pois tem o papel de aproximar ou afastar as pessoas, como o personagem cita:

> parecia só existir aquilo, uma casa desconhecida que teria de ocupar, uma língua nova, a língua velha que tão cedo assim já me parecia faltar em sua intimidade, a não ser, é claro, as nações gerais – ou quem sabe, o socorro que ela ainda proporcionaria pelo menos para mim em casos extremos, como o de estar à morte e pronunciar uma palavra cara da infância, dessas que talvez você nem desconfie que ainda tenha dentro de si, que irrompa apenas quando todo esse palavrório inútil de agora se afasta até o ponto de reemergir o brilho daquela bisonha saudade em uma, duas sílabas. (NOLL, 2004, p. 19)

Exatamente na metade do romance (NOLL, 2004, p. 55) o narrador de *Lorde* diz qual a representação que faz de uma tradução cultural:

> Esta é a sina dos covardes: ir se desfazendo das marcas de qualquer experiência que não traga em si a sua justificativa ampliada. Ele não tem parte em nada, deixam pelo caminho até os indícios de alguma aptidão humana mais vertical, com medo de um mal-entendido.

Como já visto, com o conceito de Stuart Hall (2005), explica-se a obra de Noll: as pessoas traduzidas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades.

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 31, p. 120-137, jan./jun. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.31.120-137

Esses impactos por que passa o personagem o vão transformando em outro. Marcas de identidade fixa, concreta, aos poucos se desfazem para a criação de novos traços identitários. "Ir se desfazendo das marcas de qualquer experiência que não traga em si a sua justificativa amplificada" (p. 55).

E, no final deste ato de tradução do personagem, o mesmo pega um táxi e o motorista o leva a um cemitério desativado desde o século XIX, onde chega ao final o romance, com um ar de morte e renascimento para a identidade de um novo sujeito. Noll joga em sua narrativa com o confronto entre o "eu" (identidade do brasileiro) e o "outro" (o inglês). Assim, dentro do romance, o personagem foi ao "fundo do poço" para poder renascer, mas, ainda assim, manteve traços de sua identidade de origem, sua subjetividade, seu "eu", embora dentro de um novo eu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise compreende a uma identidade, aprendizado, leva a mudança de padrões, de atitudes, de visões, a transforma. A crise é uma alteração de um curso, um momento de transição, perigoso e decisivo. Enfrentamento de obstáculos difíceis. A crise compreende substituições e quando se trata de uma identidade, estes efeitos são mais complexos do que transpassam.

O personagem de *Lorde*, de João Gilberto Noll, é o exemplo paradigmático dentro do seu contexto de uma crise de identidade. Mostra intrinsecamente, as consequências de uma identidade ser exposta a uma transição. Iniciada por um processo de diáspora, o personagem é colocado em outro contexto social e cultural, que o leva a um repensar de sua tradição local, ao mesmo tempo, que sua nacionalidade lhe impõe barreiras e o processo de tradução cultural o abre portas para um novo horizonte. A língua, portuguesa, dentro do romance é a esfera psicológica da condição. É esta língua que leva o personagem ao questionamento de todas as esferas que trazem a estabilidade ao sujeito, e, ao mesmo tempo, a instabilidade é instaurada pelo mesmo veículo. A língua, ou melhor, o processo de comunicação do sujeito é a chave para a compreensão do fenômeno de formação da identidade. Porém, dentro do processo comunicativo, não cabe apenas a língua, mas o suporte que lhe trás a base de sustentação: a nacionalidade, o idioma, a tradição. Estruturas que fixam a identidade ao local.

A problemática da identidade, abordada neste artigo é uma das discussões possíveis dentro do romance *Lorde*, pois este é um leque abrangente dentro de inúmeras áreas de estudo.

A problemática da identidade em *Lorde* é uma forma de explicitar os fenômenos que todos dentro da sociedade contemporânea estão passando, aspectos que são pertinentes ao sujeito, pois nota-se como a literatura neste contexto se torna o espelho da sociedade, assim só

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 31, p. 120-137, jan./jun. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.31.120-137

refletirá seus próprios processos. Porém, como não se trata mais de uma sociedade moderna, os efeitos desta transição "pós-moderna" estão levando as tradições fixas a se transformarem em processos evolutivos de mudança, que desenraizam e transpõe a tradução cultural, pois, as sociedades hoje, consideradas redes de entrelaçamento unidas em torno do globo, denotam fronteiras que estão se apagando. E a diáspora é um dos processos responsáveis para esta mudança de pensamento moderno. Pois é através dela que sujeitos e sociedades estão se constituindo de modo híbrido.

Assim este artigo tentou revelar o processo de travessia do sujeito ao ser exposto a crise, estas transformações sentidas não só psicologicamente, mas também fisicamente pelo personagem. A crise o leva ao aprendizado e inexoravelmente a uma nova produção, uma nova concepção, onde uma nova identidade surge, com base em todas as premissas anteriores instauradas por todos os processos de formação (língua, tradições, nacionalidade). O personagem de Noll realça não só uma crise, mas uma busca que se torna aprendizado e se desdobra em uma identidade transformada, pressupondo, que a identidade anterior não se modificou por completa, porém não permaneceu como antes. E neste entremeio que se encontra a identidade transformada, em intercâmbio com novos espaços e tempos é que se encontra o personagem sem nome de *Lorde*, servindo como exemplo, assim paradigmático, não só para nos auxiliar na compreensão da esfera social e cultural, mas para abrir nortes sobre nossa própria dimensão enquanto sujeito.

João Gilberto Noll, assim exemplifica por meio do seu romance – *Lorde,* que a identidade é a nossa única e principal face, que é dia após dia questionada, a partir do exterior em virtude do interior – denotando a eterna busca existencial do ser humano.

REFERÊNCIAS

AUGE, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 3. ed. São Paulo: Papírus, 2003.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 31, p. 120-137, jan./jun. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.31.120-137

MESQUITA, Samira Nahid de. **O enredo**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1994.

NOLL, João Gilberto. **Lorde**. São Paulo: Francis, 2004.

SEIXO, Maria Alzira. **Poéticas da viagem na literatura**. São Paulo: Edições Cosmos, 1998.

SILVA, T. T. (org.) HALL, S. WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 31, p. 120-137, jan./jun. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.31.120-137